

## MENSAGEM DO PAPA O 54º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

07 de maio de 2017

### *“Impelidos pelo Espírito para a missão”*

Amados irmãos e irmãs!

Nos anos passados, tivemos ocasião de refletir sobre dois aspetos que dizem respeito à vocação cristã: o convite a «sair de si mesmo» para pôr-se à escuta da voz do Senhor e a importância da comunidade eclesial como lugar privilegiado onde nasce, alimenta e se exprime a chamada de Deus.



Agora, no 54º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, gostaria de me deter na dimensão missionária da vocação cristã. Quem se deixou atrair pela voz de Deus e começou a seguir Jesus, rapidamente descobre dentro de si mesmo o desejo irreprimível de levar a Boa Nova aos irmãos, através da evangelização e do serviço na caridade. Todos os cristãos são constituídos missionários do Evangelho. Com efeito, o discípulo não recebe o dom do amor de Deus para sua consolação privada; não é chamado a ocupar-se de si mesmo nem a cuidar dos interesses duma empresa; simplesmente é tocado e transformado pela alegria de se sentir amado por Deus e não pode guardar esta experiência apenas para si mesmo: «a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária» (FRANCISCO, Exort. ap. Evangelii gaudium, 21).



Por isso, o compromisso missionário não é algo que vem acrescentar-se à vida cristã como se fosse um ornamento, mas, pelo contrário, situa-se no âmago da própria fé: a relação com o Senhor implica ser enviados ao mundo como profetas da sua palavra e testemunhas do seu amor.

Se experimentamos em nós muita fragilidade e às vezes podemos sentir-nos desanimados, devemos levantar a cabeça para Deus, sem nos fazermos esmagar pelo sentimento de inaptidão nem cedermos ao pessimismo, que nos torna espetadores passivos duma vida cansada e rotineira. Não há lugar para o temor: o próprio Deus vem purificar os nossos «lábios impuros», tornando-nos aptos para a missão. «“Foi afastada a tua culpa e apagado o teu pecado!” Então, ouvi a voz do Senhor que dizia: “Quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro?” Então eu disse: “Eis-me aqui, envia-me”» (Is 6, 7-8).

Cada discípulo missionário sente, no seu coração, esta voz divina que o convida a «andar de lugar em lugar» no meio do povo, como Jesus, «fazendo o bem e curando» a todos (cf. At 10, 38). Com efeito, já tive ocasião de lembrar que, em virtude do Batismo, cada cristão é um «cristóvão» ou seja, «um que leva Cristo» aos irmãos (cf. FRANCISCO, Catequese, 30 de janeiro de 2016). Isto vale de forma particular para as pessoas que são chamadas a uma vida de especial consagração e também para os sacerdotes, que generosamente responderam «eis-me aqui, envia-me». Com renovado entusiasmo missionário, são chamados a sair dos recintos sagrados do templo, para consentir à ternura de Deus de transbordar a favor dos homens (cf. FRANCISCO, Homilia na Missa Crismal, 24 de março de 2016). A Igreja precisa de sacerdotes assim: confiantes e serenos porque descobriram o verdadeiro tesouro, ansiosos por irem fazê-lo conhecer jubilosamente a todos (cf. Mt 13,44).

Com certeza não faltam as interrogações ao falarmos da missão cristã: Que significa ser missionário do Evangelho? Quem nos dá a força e a coragem do anúncio? Qual é a lógica evangélica em que se inspira a missão? Podemos dar resposta a estas questões, contemplando três cenas evangélicas: o início da missão de Jesus na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4, 16-30); o caminho que Ele, Ressuscitado, fez com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35); e, por último, a parábola da semente (cf. Mc 4, 26-27).

Jesus é ungido pelo Espírito e enviado. Ser discípulo missionário significa participar ativamente na missão de Cristo, que Ele próprio descreve na sinagoga de Nazaré: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Esta é também a nossa missão: ser ungidos pelo Espírito e ir ter com os irmãos para lhes anunciar a Palavra, tornando-nos um instrumento de salvação para eles.

Jesus vem colocar-Se ao nosso lado no caminho. Perante as interrogações que surgem do coração humano e os desafios que se levantam da realidade, podemos sentir-nos perdidos e notar um déficit de energia e esperança. Há o risco de que a missão cristã apareça como uma mera utopia irrealizável ou, em todo o caso, uma realidade que supera as nossas forças. Mas, se contemplarmos Jesus Ressuscitado, que caminha ao lado dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-15), é possível reavivar a nossa confiança; nesta cena evangélica, temos uma autêntica e real «liturgia da estrada», que precede a da Palavra e da fração do Pão e nos faz saber que, em cada passo nosso, Jesus está junto de nós. Os dois discípulos, feridos pelo escândalo da cruz, estão de regresso a casa percorrendo o caminho da derrota: levam no coração uma esperança despedaçada e um sonho que não se realizou. Neles, a tristeza tomou o lugar da alegria do Evangelho. Que faz Jesus? Não os julga, percorre a própria estrada deles e, em vez de erguer um muro, abre uma nova brecha. Pouco a pouco transforma o seu desânimo, inflama o seu coração e abre os seus olhos, anunciando a Palavra e partindo o Pão. Da mesma forma, o cristão não carrega sozinho o encargo da missão, mas experimenta – mesmo nas fadigas e incompreensões – que «Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária» (FRANCISCO, Exort. ap. Evangelii gaudium, 266).

Jesus faz germinar a semente. Por fim, é importante aprender do Evangelho o estilo de anúncio. Na verdade, acontece não raro, mesmo com a melhor das intenções, deixar-se levar por um certo frenesim de poder, pelo proselitismo ou o fanatismo intolerante. O Evangelho, pelo contrário, convida-nos a rejeitar a idolatria do sucesso e do poder, a preocupação excessiva pelas estruturas e uma certa ânsia que obedece mais a um espírito de conquista que de serviço. A semente do Reino, embora pequena, invisível e às vezes insignificante, cresce silenciosamente graças à ação incessante de Deus: «O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como» (Mc 4, 26-27). A nossa confiança primeira está aqui: Deus supera as nossas expectativas e surpreende-nos com a sua generosidade, fazendo germinar os frutos do nosso trabalho para além dos cálculos da eficiência humana.

Com esta confiança evangélica abrimo-nos à ação silenciosa do Espírito, que é o fundamento da missão. Não poderá jamais haver pastoral vocacional nem missão cristã, sem a oração assídua e contemplativa. Neste sentido, é preciso alimentar a vida cristã com a escuta da Palavra de Deus e sobretudo cuidar da relação pessoal com o Senhor na adoração eucarística, «lugar» privilegiado do encontro com Deus.

É esta amizade íntima com o Senhor que desejo vivamente encorajar, sobretudo para implorar do Alto novas vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. O povo de Deus precisa de ser guiado por pastores que gastam a sua vida ao serviço do Evangelho. Por isso, peço às comunidades paroquiais, às associações e aos numerosos grupos de oração presentes na Igreja: sem ceder à tentação do desânimo, continuai a pedir ao Senhor que mande operários para a sua messe e nos dê sacerdotes enamorados do Evangelho, capazes de se aproximar dos irmãos, tornando-se assim sinal vivo do amor misericordioso de Deus.

Amados irmãos e irmãs, é possível ainda hoje voltar a encontrar o ardor do anúncio e propor, sobretudo aos jovens, o seguimento de Cristo. Face à generalizada sensação duma fé cansada ou reduzida a meros «deveres a cumprir», os nossos jovens têm o desejo de descobrir o fascínio sempre atual da figura de Jesus, de deixar-se interpelar e provocar pelas suas palavras e gestos e, enfim, sonhar – graças a Ele – com uma vida plenamente humana, feliz de gastar-se no amor.

Maria Santíssima, Mãe do nosso Salvador, teve a coragem de abraçar este sonho de Deus, pondo a sua juventude e o seu entusiasmo nas mãos d'Ele. Que a sua intercessão nos obtenha a mesma abertura de coração, a prontidão em dizer o nosso «Eis-me aqui» à chamada do Senhor e a alegria de nos pormos a caminho, como Ela (cf. Lc 1, 39), para O anunciar ao mundo inteiro.

Cidade do Vaticano, 27 de novembro – I Domingo do Advento – de 2016.

[Franciscus]

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO ITALIANO DA PASTORAL DAS VOCAÇÕES - quinta-feira, 5 de janeiro de 2017**

**Discurso improvisado do Santo Padre**

*Queridos irmãos e irmãs, bom dia!*

Preparei este discurso [mostra o escrito]: são cinco páginas. É demasiado cedo para adormecer outra vez! Assim eu entrego-o ao Secretário-Geral e procurarei dizer-vos o que me vem à mente, o que sinto que devo dizer... Depois o senhor [dirige-se a D. Galantino] o dará a conhecer...

Quando D. Galantino começou a falar [na sua saudação ao Santo Padre] e disse o mote do encontro, «Levanta-te...», veio à minha mente quando esta palavra foi dita a Pedro, na prisão, proferida pelo anjo: «Levanta-te!» (At 12, 7). Ele não compreendia. «Toma o manto...». E não sabia se estava a sonhar ou não. «Segue-me». E as portas abriram-se, e Pedro encontrou-se na estrada. Ali apercebeu-se que era realidade, que não se tratava de um sonho: era o anjo de Deus e tinha-o libertado. «Levanta-te!», dissera-lhe. E ele levantou-se, à pressa, e foi embora. E para onde vou? Vou para onde está certamente a comunidade cristã. E foi de veras a uma casa de cristãos, onde todos rezavam por ele. A oração... Bate à porta, vem a empregada, olha para ele... e em vez de o fazer entrar volta para dentro. E Pedro, assustado, porque estava ali um guarda, que andava pela cidade. E ela: «É Pedro» — «Não, Pedro está na prisão!» — «Não, é o fantasma de Pedro» — «Não, é Pedro, é Pedro!». E Pedro batia à porta, batia... Aquele «levanta-te!» foi interrompido pelo receio, pela tolice — mas, não sabemos — de uma pessoa. Penso que se chamava... [Rode]. É o complexo de quantos têm medo, por falta de segurança preferem fechar a porta.

Questiono-me sobre quantos jovens, rapazes e moças, hoje sentem no seu coração aquele «levanta-te!», e quantos — sacerdotes, consagrados, religiosas — fecham as portas. E eles acabam em frustração. Tinham ouvido o «levanta-te!», e batiam à porta. ... «Sim, sim, estamos a rezar» — «Sim, agora não se pode, estamos a rezar». Entre parênteses, alguém, quando soube que eu vos ia falar sobre as vocações, disse: «Diga-lhes que rezem pelas vocações, em vez de fazer tantos congressos!». Não sei se é verdade, mas é preciso rezar, mas com a porta aberta! Com a porta aberta. Porque só contentar-se com fazer congressos, sem se certificar que as portas estejam abertas, não serve. E as portas abrem-se com a oração, com a boa vontade, com o risco. Arriscar com os jovens. Jesus disse-nos que o primeiro método para ter vocações é a oração, e nem todos estão convencidos disto. «Eu rezo... sim, rezo, todos os dias um Pai-Nosso pelas vocações». Isto é, pago o dízimo. Não, a oração que sai do coração! A oração que faz com que o Senhor diga várias vezes aquele «levanta-te!»: «levanta-te! Sê livre! Levanta-te, quero-te comigo. Segue-me. Vem a mim e verás onde moro. Levanta-te!». Mas com as portas fechadas, ninguém pode entrar para estar com o Senhor. E nós temos as chaves das portas. Não só Pedro, não. Todos.

Abrir as portas para que possam entrar nas igrejas. Soube de algumas dioceses, no mundo, que foram abençoadas com vocações. Falando com os bispos [perguntei]: «O que fizestes?». Antes de tudo, uma carta do bispo, todos os meses, às pessoas que queriam rezar pelas vocações: as velhinhas, os doentes, os casais... Uma carta por mês, com um pensamento espiritual, com um subsídio, para acompanhar a oração. Os bispos devem acompanhar a oração, a oração da comunidade. Esta é a maneira que aqueles bispos — três ou quatro que ouvi — encontraram. Mas muitas vezes os bispos estão ocupados, há tantas coisas... Sim, sim, mas não se deve esquecer que a primeira tarefa dos bispos é a oração! A segunda tarefa é o anúncio do Evangelho. E não digo isto aos teólogos, isto foi dito aos Apóstolos, quando tiveram aquela pequena revolução durante a qual muitos cristãos se lamentavam porque as viúvas não eram bem cuidadas, porque os Apóstolos não tinham tempo; então «inventaram» os diáconos, para que se ocupassem das viúvas, dos órfãos, dos pobres... Nós, nesta Igreja de Roma temos um bom diácono, tivemos Lourenço, que deu a sua vida; ocupava-se destas coisas... E no fim do anúncio, quando anuncia à comunidade cristã, Pedro diz: «A nós competem a oração e o anúncio do Evangelho» (cf. At 6, 4). Mas alguém pode dizer-me: «Padre, o senhor está a falar à nora para que a sogra ouça?». Sim, é verdade. A primeira coisa é rezar, foi isto que Jesus nos disse: «rezai pelas vocações». Eu poderia fazer o maior plano pastoral, a organização mais perfeita, mas sem o fermento da oração será pão ázimo. Não terá força. Rezar é a primeira coisa. E a comunidade cristã, naquela noite na qual Pedro batia à porta, estava em oração. Diz o texto: «Toda a Igreja rezava por ele» (cf. At 12, 5). Estava em oração. E quando se reza, o Senhor ouve, sempre, sempre! Mas rezar não como os papagaios. Rezar com o coração, com a vida, com tudo, com o desejo de que o que estou a pedir se faça. Rezar pelas vocações.

Pensai se podeis realizar uma coisa do género, como fizeram estes bispos, que é gente humilde: «Tu assumas este compromisso, todos os dias recitas alguma oração»; e alimentar este compromisso, sempre. Hoje um livrete, no próximo mês uma carta, depois uma imagenzinha..., mas que se sintam unidos em oração, porque a oração de todos faz tanta força. É o próprio Senhor quem o diz. Depois, a porta aberta. Dá vontade de chorar quando se vai à paróquia, a algumas paróquias... E, entre parênteses, quero dizer que os párocos italianos são bons, estou a falar em geral, mas este é um testemunho que quero dar: nunca vi noutras dioceses, na minha pátria, ou noutras dioceses, organizações feitas por párocos tão fortes como aqui. Pensai no voluntariado: não se vê noutras partes voluntariado como na Itália. Isto é grandioso! E quem o fez? Os párocos. Os párocos de campo, que servem uma, duas, três aldeias, vão e voltam, conhecem os nomes de todos, até dos cães... Os párocos. Depois, o oratório nas paróquias italianas: é uma instituição forte! E quem fez isto? Os párocos! Os párocos são bons. Mas algumas vezes — e falo de todo o mundo — vai-se à paróquia e encontra-se um aviso na porta: «O pároco recebe às segundas, quintas e sextas das 15 às 16h»; ou então: «Confessa-se das tantas às tantas». Estas portas abertas... Quantas vezes — e estou a falar da minha diocese precedente — quantas vezes há secretárias, mulheres consagradas, que recebem as pessoas, que assustam as pessoas! A porta está aberta mas a secretária mostra os dentes, e o povo foge! É preciso acolhimento. Para ter vocações, é necessário o acolhimento. É a casa na qual se acolhe.

E falando dos jovens, acolhimento aos jovens. Este é um terceiro aspeto um pouco difícil. Os jovens são cansativos, porque têm sempre uma ideia, são rumorosos, fazem isto e aquilo... E depois vêm: «Quero falar contigo...» — «Sim, vem». E as mesmas perguntas, os mesmos problemas: «Eu disse-te...». Cansam. Se quisermos vocações: porta aberta, oração e estar colados à cadeira para ouvir os jovens. «Mas são fantasiosos!...». Bendito seja o Senhor! A ti compete fazê-los «aterrar». Ouvi-los: o apostolado de escuta. «Querem confessar-se, mas confessam sempre as mesmas coisas» — «Também tu, quando eras jovem, esqueceste-te?». A paciência: ouvir, que se sintam em casa, acolhidos; que se sintam amados. E mais que uma vez fazem garotices: graças a Deus, porque não são velhos. É importante «perder tempo» com os jovens. Algumas vezes entediam, porque — como dizia — vêm sempre com as mesmas coisas; mas o tempo é para eles. Mais do que falar com eles, é preciso ouvi-los, e dizer só uma «gotinha», uma palavrinha, e pronto, podem ir. E isto será uma semente que trabalhará dentro. Mas poderá dizer: «Sim, estive com o pároco, com o sacerdote, com a religiosa, com o presidente da Ação Católica, e ouviram-me como se não tivessem nada para fazer». Os jovens compreendem bem isto.

Depois, outra coisa sobre os jovens: devemos estar atentos ao que procuram, porque os jovens mudam com o tempo. Na minha época havia a moda das reuniões: «Hoje falemos de amor», e cada um preparava o tema do amor, falava-se... Ficávamos satisfeitos. Depois, saíamos dali, íamos ao estádio ver o jogo — ainda não havia a televisão — éramos tranquilos. Faziam-se obras de caridade, visitas aos hospitais... tudo organizado. Mas éramos bastante «parados», em sentido figurado. Hoje os jovens devem estar em movimento, os jovens devem caminhar; para trabalhar pelas vocações é preciso fazer com que os jovens caminhem, e isto faz-se acompanhando. O apostolado do caminhar. E como caminhar, como? Fazer uma maratona? Não! Inventar, inventar ações pastorais que envolvam os jovens, em algo que os leve a fazer alguma coisa: durante as férias vamos uma semana fazer uma missão naquele país, ou dar ajuda social naquele outro, ou visitamos todas as semanas um hospital, isto e aquilo..., ou dar de comer aos desabrigados nas grandes cidades... há desabrigados... Os jovens precisam disto, e sentem-se Igreja quando fazem isto. Também os jovens que não se confessam, talvez, ou que não recebem a Comunhão, mas sentem-se Igreja. Depois, hão de confessar-se, farão a Comunhão; mas tu, põe-nos a caminho. E caminhando, o Senhor fala, o Senhor chama. E surge uma ideia: devemos fazer isto...; eu quero fazer...; e interessam-se pelos problemas dos demais. Jovens a caminho, não parados. Os jovens parados, que têm tudo garantido... são jovens reformados! E há tantos, hoje! Jovens que têm tudo garantido: são reformados da vida. Estudam, terão uma profissão, mas o coração já está fechado. E são reformados. Por conseguinte, caminhar, caminhar com eles, fazer com que caminhem, que vão. E no caminho encontram perguntas, perguntas às quais é difícil responder! Eu confesso-vos, quando visitei alguns países ou até aqui na Itália, nalgumas cidades, normalmente faço uma reunião ou um almoço com um grupo de jovens. As perguntas que formulam, naqueles momentos, fazem tremer, porque não se sabe como responder... Porque são inquietos [em sentido positivo: estão em busca], e este desassossego é uma graça de Deus, é uma graça de Deus. Não se pode impedir o desassossego. Por vezes dizem disparates, mas são inquietos, e é isto que conta. É necessário orientar este desassossego.

«Levanta-te!». A porta aberta. A oração. A proximidade deles, ouvi-los. «Mas são tediosos...». Ouvi-los, fazer com que caminhem, que vão, com propostas a «pôr em prática». Eles compreendem melhor a linguagem das mãos que a dos lábios ou do coração; compreendem o fazer: compreendem bem! Pensam mais ou menos, mas compreendem, fazem bem se lhe deres o que fazer. Compreendem bem: têm grande capacidade de julgar; devemos fazer ordem no cérebro, mas isto vem com o tempo.

E por fim, a última coisa que me vem à mente em relação à pastoral vocacional, é o testemunho. Um jovem, uma jovem, é verdade que sentem a chamada do Senhor, mas a chamada é sempre concreta, e pelo menos a maior parte das vezes, é sobretudo: «Eu gostaria de ser como *aquela* ou *aquele*». São os nossos testemunhos que atraem os jovens. Testemunhos de sacerdotes bons, de religiosas boas. Certa vez uma religiosa foi falar num colégio — era uma superiora, se não me engano, uma madre-geral, noutra país, não aqui — reuniu — isto é histórico — a comunidade educativa daquele colégio de irmãs, e esta madre-geral em vez de falar do desafio da educação, dos jovens que estavam a educar, deste género de coisas, começou a dizer: «Nós devemos rezar pela canonização da nossa madre fundadora», e passou mais de meia hora a falar da madre fundadora, que se deve fazer isto, pedir o milagre... Mas a comunidade educativa, os professores, as professoras [pensavam]: «Mas por que diz estas coisas, quando não é disto que precisamos... Sim, está bem, que seja beatificada e canonizada, mas nós precisamos de outra mensagem». No final, uma das professoras — boa, era muito boa, eu conhecia-a — disse: «Madre, posso dizer algo?» — «Sim» — «A vossa madre nunca será canonizada» — «Porquê?» — «Porque certamente está no purgatório» — «Não diga estas coisas! Por que dizes isto?» — «Por vos ter fundado. Porque se tu, que és a superiora, és tão — digamos — insensata, para não dizer pior, a tua madre-geral não vos soube formar». Não é assim? É o testemunho: que vos vejam viver aquilo que pregais. O que vos levou a tornar-vos sacerdotes, religiosas, também leigos que trabalham com vigor na Casa do Senhor. E não pessoas que procuram segurança, que fecham as portas, que assustam os outros, que falam de coisas que não interessam, que entediam os jovens, que não têm tempo... «Sim, mas tenho um pouco de pressa...» Não. É necessário um grande testemunho!

Não sei, foi isto que me brotou do coração a partir daquele «levanta-te!» que ouvi D. Galantino pronunciar, do mote do vosso encontro. E falei daquilo que sinto. Agradeço-vos o que fazeis, este congresso, agradeço-vos as orações... E em frente! Que o mundo não acaba connosco, devemos ir em frente...

Agora, antes da bênção, rezemos a Nossa Senhora: «Ave Maria...».

### **Discurso preparado pelo Santo Padre**

*Queridos irmãos e irmãs!*

No final do vosso Congresso de pastoral vocacional, organizado pelo departamento da Conferência episcopal italiana, sinto-me feliz por vos receber e me encontrar convosco. Agradeço a D. Galantino as suas gentis palavras, congratulando-me pelo esforço com o qual continuais a realizar este encontro anual, no qual se compartilham a alegria da fraternidade e a beleza das diversas vocações.

Diante de nós abrem-se o horizonte e o caminho rumo à Assembleia sinodal de 2018, sobre o tema «*Jovens, fé e discernimento vocacional*». O «sim» total e generoso de uma vida doada é semelhante a uma fonte de água, escondida por muito tempo nas profundidades da terra, na expectativa de jorrar e escorrer, num riacho de pureza e refrigério. Hoje os jovens precisam de uma fonte de água fresca para saciar a sede e depois prosseguir o seu caminho de busca. «Os jovens têm o desejo de uma vida grande; o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude» (cf. Enc. *Lumen fidei*, 53).

Neste horizonte insere-se também o vosso serviço, com o seu estilo de anúncio e de acompanhamento vocacional. Tal compromisso exige *paixão* e *sentido de gratuidade*. A *paixão* do envolvimento pessoal, o saber cuidar das vidas que vos são confiadas como escrínios que encerram um tesouro precioso a conservar. E a *gratuidade* de um serviço e ministério na Igreja requer grande respeito por quantos se tornam vossos companheiros de caminho. É o compromisso de procurar a sua felicidade, e isto vai muito além das vossas preferências e expectativas. Cito o Papa Bento xvi: «Sois semeadores de confiança e de esperança. De facto, é profundo o sentido de perplexidade que com frequência a juventude de hoje vive. Não é raro que as palavras humanas sejam desprovidas de futuro e de perspetiva, desprovidas até de sentido e de sabedoria. [...] E no entanto, esta pode ser a hora de Deus» (*Discurso aos participantes no Congresso europeu sobre a pastoral vocacional*, 4 de julho de 2009).

Para ser credível e entrar em sintonia com os jovens, é preciso privilegiar a via da escuta, o saber «perder tempo» no acolhimento das suas perguntas e desejos. O vosso testemunho será muito mais persuasivo se, com alegria e verdade, souberdes narrar a beleza, a admiração e a maravilha de ser apaixonados por Deus, homens e mulheres que vivem com gratidão a sua escolha de vida para ajudar outros a deixar uma marca inédita e original na história. Isto requer que não nos desorientemos pelas solicitações exteriores, mas que nos confiemos à misericórdia e à ternura do Senhor reavivando a fidelidade das nossas escolhas e o vigor do «primeiro amor» (cf. *Ap 2, 5*).

A prioridade do anúncio vocacional não é a eficiência de quanto fazemos, mas sobretudo a atenção privilegiada à vigilância e ao discernimento. É ter um olhar capaz de descobrir a positividade nos acontecimentos humanos e espirituais que encontramos; um coração admirado e grato diante dos dons que as pessoas trazem consigo, evidenciando mais as potencialidades do que os limites, o presente e o futuro em continuidade com o passado.

Hoje precisamos de uma pastoral vocacional com horizontes amplos e com perspectiva de comunhão; capaz de interpretar com coragem a realidade como ela é com as dificuldades e as resistências, reconhecendo os sinais de generosidade e de beleza do coração humano. É urgente inserir nas comunidades cristãs uma nova «cultura vocacional». «Ainda faz parte desta cultura vocacional a capacidade de sonhar e desejar em grande estilo, aquela admiração que permite apreciar a beleza e escolhê-la pelo seu valor intrínseco, porque torna a vida bonita e verdadeira» (Pont. *Obra para as Vocações, Novas vocações para uma nova Europa*, 8 de dezembro de 1997, 13b).

Queridos irmãos e irmãs, não vos canseis de repetir a vós mesmos: «*sou uma missão*» e não simplesmente «*tenho uma missão*». «É preciso considerar-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 271). Ser missão permanente requer coragem, audácia, fantasia e vontade de ir além, de ir muito mais além. Com efeito, «*Levanta-te, caminha e não temas*» foi o lema do vosso Congresso. Ele ajuda-nos a recordar muitas histórias de vocação, nas quais o Senhor convida os chamados a sair de si mesmos para ser dom aos outros; a eles confia uma missão e garante-lhes: «*Não temas, porque Eu estou contigo*» (*Is 41, 10*). Esta sua bênção torna-se encorajamento constante e apaixonado para podermos ir além dos medos que nos fecham em nós mesmos e paralisam todos os nossos desejos de bem. É bom saber que o Senhor se encarrega das nossas fragilidades, pondo-nos de novo em pé para que encontremos, dia após dia, a paciência infinita para recomeçar.

Sintamo-nos impelidos pelo Espírito Santo a indicar com coragem caminhos novos no anúncio do Evangelho da vocação; para sermos homens e mulheres que, como sentinelas (cf. *Sl 130, 6*), sabem ver os raios de luz de um novo alvorecer, numa renovada experiência de fé e de paixão pela Igreja e pelo Reino de Deus. Que o Espírito nos impulse a ser capazes de uma paciência amorosa, que não teme as inevitáveis lentidões e resistências do coração humano.

Garanto-vos a minha oração; e vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

-----  
**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 53º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES** - (17 de abril de 2016 - IV Domingo da Páscoa)



**Tema: «A Igreja, mãe de vocações»**



Amados irmãos e irmãs!

Como gostaria que todos os batizados pudessem, no decurso do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, experimentar a alegria de pertencer à Igreja! E pudessem redescobrir que a vocação cristã, bem como as vocações particulares, nascem no meio do povo de Deus e são dons



da misericórdia divina! A Igreja é a casa da misericórdia e também a «terra» onde a vocação germina, cresce e dá fruto.

Por este motivo, dirijo-me a todos vós, por ocasião deste 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, convidando-vos a contemplar a comunidade apostólica e a dar graças pela função da comunidade no caminho vocacional de cada um. Na Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, recordei as palavras de São Beda, o Venerável, a propósito da vocação de São Mateus: «*Miserando atque eligendo*» (*Misericordiae Vultus*, 8). A acção misericordiosa do Senhor perdoa os nossos pecados e abre-nos a uma vida nova que se concretiza na chamada ao discipulado e à missão. Toda a vocação na Igreja tem a sua origem no olhar compassivo de Jesus. A conversão e a vocação são como que duas faces da mesma medalha, interdependentes continuamente em toda a vida do discípulo missionário.

O Beato Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, descreveu os passos do processo da evangelização. Um deles é a adesão à comunidade cristã (cf. n. 23), da qual se recebeu o testemunho da fé e a proclamação explícita da misericórdia do Senhor. Esta incorporação comunitária compreende toda a riqueza da vida eclesial, particularmente os Sacramentos. A Igreja não é só um lugar onde se crê, mas também objeto da nossa fé; por isso, dizemos no *Credo*: «Creio na Igreja».

A chamada de Deus acontece através da *mediação comunitária*. Deus chama-nos a fazer parte da Igreja e, depois dum certo amadurecimento nela, dá-nos uma vocação específica. O caminho vocacional é feito juntamente com os irmãos e as irmãs que o Senhor nos dá: é uma *con-vocação*. O dinamismo eclesial da vocação é um antídoto contra a indiferença e o individualismo. Estabelece aquela comunhão onde a indiferença foi vencida pelo amor, porque exige que saiamos de nós mesmos, colocando a nossa existência ao serviço do desígnio de Deus e assumindo a situação histórica do seu povo santo.

Neste Dia dedicado à oração pelas vocações, desejo exortar todos os fiéis a assumirem as suas responsabilidades no cuidado e discernimento vocacionais. Quando os Apóstolos procuravam alguém para ocupar o lugar de Judas Iscariotes, São Pedro reuniu cento e vinte irmãos (cf. *Act* 1, 15); e, para a escolha dos sete diáconos, foi convocado o grupo dos discípulos (cf. *Act* 6, 2). São Paulo dá a Tito critérios específicos para a escolha dos presbíteros (cf. *Tt* 1, 5-9). Também hoje, a comunidade cristã não cessa de estar presente na germinação das vocações, na sua formação e na sua perseverança (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 107).



**A vocação nasce na Igreja.** Desde o despertar duma vocação, é necessário um justo «sentido» de Igreja. Ninguém é chamado exclusivamente para uma determinada região, nem para um grupo ou movimento eclesial, mas para a Igreja e para o mundo. «Um sinal claro da autenticidade dum carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmonicamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos» (*Ibid.*, 130). Respondendo à chamada de Deus, o jovem vê alargar-se o próprio horizonte eclesial, pode considerar os múltiplos carismas e realizar assim um discernimento mais objetivo. Deste modo, a comunidade torna-se a casa e a família onde nasce a vocação. O candidato contempla, agradecido, esta mediação comunitária como elemento imprescindível para o seu futuro. Aprende a conhecer e a amar os irmãos e irmãs que percorrem caminhos diferentes do seu; e estes vínculos reforçam a comunhão em todos.

**A vocação cresce na Igreja.** Durante o processo de formação, os candidatos às diversas vocações precisam de conhecer cada vez melhor a comunidade eclesial, superando a visão limitada que todos temos inicialmente. Com tal finalidade, é oportuno fazer alguma *experiência apostólica juntamente com outros membros da comunidade*, como, por exemplo, comunicar a mensagem cristã ao lado dum bom catequista; experimentar a evangelização nas periferias juntamente com uma comunidade religiosa; descobrir o tesouro da contemplação, partilhando a vida de clausura; conhecer melhor a missão *ad gentes* em contato com os missionários; e, com os sacerdotes diocesanos, aprofundar a experiência da pastoral na paróquia e na diocese. Para aqueles que já estão em formação, a comunidade eclesial permanece sempre o espaço educativo fundamental, pelo qual se sente gratidão.

**A vocação é sustentada pela Igreja.** Depois do compromisso definitivo, o caminho vocacional na Igreja não termina, mas continua na disponibilidade para o serviço, na perseverança e na formação permanente. Quem consagrou a própria vida ao Senhor, está pronto a servir a Igreja onde esta tiver necessidade. A missão de Paulo e Barnabé é um exemplo desta disponibilidade eclesial. Enviados em missão pelo Espírito Santo e pela comunidade de Antioquia (cf. *Act* 13, 1-4), regressaram depois à mesma comunidade e narraram aquilo que o Senhor fizera por meio deles (cf. *Act* 14, 27). Os

missionários são acompanhados e sustentados pela comunidade cristã, que permanece uma referência vital, como a pátria visível onde encontram segurança aqueles que realizam a peregrinação para a vida eterna.

Dentre os agentes pastorais, revestem-se de particular relevância os sacerdotes. Por meio do seu ministério, torna-se presente a palavra de Jesus que disse: «*Eu sou a porta das ovelhas (...). Eu sou o bom pastor*» (Jo 10, 7.11). O cuidado pastoral das vocações é uma parte fundamental do seu ministério. Os sacerdotes acompanham tanto aqueles que andam à procura da própria vocação, como os que já ofereceram a vida ao serviço de Deus e da comunidade.

Todos os fiéis são chamados a consciencializar-se do dinamismo eclesial da vocação, para que as comunidades de fé possam tornar-se, a exemplo da Virgem Maria, seio materno que acolhe o dom do Espírito Santo (cf. Lc 1, 35-38). A maternidade da Igreja exprime-se através da oração perseverante pelas vocações e da ação educativa e de acompanhamento daqueles que sentem a chamada de Deus. Fá-lo também mediante uma cuidadosa seleção dos candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada. Enfim, é mãe das vocações pelo contínuo apoio daqueles que consagraram a vida ao serviço dos outros.

Peçamos ao Senhor que conceda, a todas as pessoas que estão a realizar um caminho vocacional, uma profunda adesão à Igreja; e que o Espírito Santo reforce, nos Pastores e em todos os fiéis, a comunhão, o discernimento e a paternidade ou maternidade espiritual.

*Pai de misericórdia, que destes o vosso Filho pela nossa salvação e sempre nos sustentais com os dons do vosso Espírito, concedei-nos comunidades cristãs vivas, fervorosas e felizes, que sejam fontes de vida fraterna e suscitem nos jovens o desejo de se consagrarem a Vós e à evangelização. Sustentai-as no seu compromisso de propor uma adequada catequese vocacional e caminhos de especial consagração. Dai sabedoria para o necessário discernimento vocacional, de modo que, em tudo, resplandeça a grandeza do vosso amor misericordioso. Maria, Mãe e educadora de Jesus, interceda por cada comunidade cristã, para que, tornada fecunda pelo Espírito Santo, seja fonte de vocações autênticas para o serviço do povo santo de Deus.*

*Cidade do Vaticano, 29 de novembro – I Domingo do Advento – de 2015.*

**Franciscus**

## **MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 52º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES**



(26 de Abril de 2015 - IV Domingo de Páscoa)

**Tema: «O êxodo, experiência fundamental da vocação»**

*Amados irmãos e irmãs!*

O IV Domingo de Páscoa apresenta-nos o ícone do Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas, chama-as, alimenta-as e condu-las. Há mais de 50 anos que, neste domingo, vivemos o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Este dia sempre nos lembra a importância de rezar para que o «dono da messe – como disse Jesus aos seus discípulos – mande trabalhadores para a sua messe» (Lc 10, 2). Jesus dá esta ordem no contexto dum envio

missionário: além dos doze apóstolos, Ele chamou mais setenta e dois discípulos, enviando-os em missão dois a dois (cf. Lc 10,1-16). Com efeito, se a Igreja «é, por sua natureza, missionária» (Conc. Ecum. Vat. II., Decr. *Ad gentes*, 2), a vocação cristã só pode nascer dentro duma experiência de missão. Assim, ouvir e seguir a voz de Cristo Bom Pastor, deixando-se atrair e conduzir por Ele e consagrando-Lhe a própria vida, significa permitir que o Espírito Santo nos introduza neste dinamismo missionário, suscitando em nós o desejo e a coragem jubilosa de oferecer a nossa vida e gastá-la pela causa do Reino de Deus.

A oferta da própria vida nesta atitude missionária só é possível se formos capazes de sair de nós mesmos. Por isso, neste 52º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, gostaria de refletir precisamente sobre um «êxodo» muito particular que é a vocação ou, melhor, a nossa resposta à vocação que Deus nos dá. Quando ouvimos a palavra «êxodo», ao nosso pensamento acodem imediatamente os inícios da maravilhosa história de amor entre Deus e o povo dos seus filhos, uma história que passa através dos



dias dramáticos da escravidão no Egito, a vocação de Moisés, a libertação e o caminho para a Terra Prometida. O segundo livro da Bíblia – o Êxodo – que narra esta história constitui uma parábola de toda a história da salvação e também da dinâmica fundamental da fé cristã. Na verdade, passar da escravidão do homem velho à vida nova em Cristo é a obra redentora que se realiza em nós por meio da fé (*Ef* 4, 22-24). Esta passagem é um real e verdadeiro «êxodo», é o caminho da alma cristã e da Igreja inteira, a orientação decisiva da existência para o Pai.

Na raiz de cada vocação cristã, há este movimento fundamental da experiência de fé: crer significa deixar-se a si mesmo, sair da comodidade e rigidez do próprio eu para centrar a nossa vida em Jesus Cristo; abandonar como Abraão a própria terra pondo-se confiadamente a caminho, sabendo que Deus indicará a estrada para a nova terra. Esta «saída» não deve ser entendida como um desprezo da própria vida, do próprio sentir, da própria humanidade; pelo contrário, quem se põe a caminho no seguimento de Cristo encontra a vida em abundância, colocando tudo de si à disposição de Deus e do seu Reino. Como diz Jesus, «todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna» (*Mt* 19, 29). Tudo isto tem a sua raiz mais profunda no amor. De facto, a vocação cristã é, antes de mais nada, uma chamada de amor que atrai e reenvia para além de si mesmo, descentraliza a pessoa, provoca um «êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus» (*Bento XVI*, Carta enc. *Deus caritas est*, 6).

A experiência do êxodo é paradigma da vida cristã, particularmente de quem abraça uma vocação de especial dedicação ao serviço do Evangelho. Consiste numa atitude sempre renovada de conversão e transformação, em permanecer sempre em caminho, em passar da morte à vida, como celebramos em toda a liturgia: é o dinamismo pascal. Fundamentalmente, desde a chamada de Abraão até à de Moisés, desde o caminho de Israel peregrino no deserto até à conversão pregada pelos profetas, até à viagem missionária de Jesus que culmina na sua morte e ressurreição, a vocação é sempre aquela acção de Deus que nos faz sair da nossa situação inicial, nos liberta de todas as formas de escravidão, nos arranca da rotina e da indiferença e nos projeta para a alegria da comunhão com Deus e com os irmãos. Por isso, responder à chamada de Deus é deixar que Ele nos faça sair da nossa falsa estabilidade para nos pormos a caminho rumo a Jesus Cristo, meta primeira e última da nossa vida e da nossa felicidade.

Esta dinâmica do êxodo diz respeito não só à pessoa chamada, mas também à atividade missionária e evangelizadora da Igreja inteira. Esta é verdadeiramente fiel ao seu Mestre na medida em que é uma Igreja «em saída», não preocupada consigo mesma, com as suas próprias estruturas e conquistas, mas sim capaz de ir, de se mover, de encontrar os filhos de Deus na sua situação real e compadecer-se das suas feridas. Deus sai de Si mesmo numa dinâmica trinitária de amor, dá-*Se* conta da miséria do seu povo e intervém para o libertar (*Ex* 3, 7). A este modo de ser e de agir, é chamada também a Igreja: a Igreja que evangeliza sai ao encontro do homem, anuncia a palavra libertadora do Evangelho, cuida as feridas das almas e dos corpos com a graça de Deus, levanta os pobres e os necessitados.

Amados irmãos e irmãs, este êxodo libertador rumo a Cristo e aos irmãos constitui também o caminho para a plena compreensão do homem e para o crescimento humano e social na história. Ouvir e receber a chamada do Senhor não é uma questão privada e intimista que se possa confundir com a emoção do momento; é um compromisso concreto, real e total que abraça a nossa existência e a põe ao serviço da construção do Reino de Deus na terra. Por isso, a vocação cristã, radicada na contemplação do coração do Pai, impele simultaneamente para o compromisso solidário a favor da libertação dos irmãos, sobretudo dos mais pobres. O discípulo de Jesus tem o coração aberto ao seu horizonte sem fim, e a sua intimidade com o Senhor nunca é uma fuga da vida e do mundo, mas, pelo contrário, «reveste essencialmente a forma de comunhão missionária» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 23).

Esta dinâmica de êxodo rumo a Deus e ao homem enche a vida de alegria e significado. Gostaria de o dizer sobretudo aos mais jovens que, inclusive pela sua idade e a visão do futuro que se abre diante dos seus olhos, sabem ser disponíveis e generosos. Às vezes, as incógnitas e preocupações pelo futuro e a incerteza que afeta o dia-a-dia encerram o risco de paralisar estes seus impulsos, refrear os seus sonhos, a ponto de pensar que não vale a pena comprometer-se e que o Deus da fé cristã limita a sua liberdade. Ao invés, queridos jovens, não haja em vós o medo de sair de vós mesmos e de vos pôr a caminho! O Evangelho é a Palavra que liberta, transforma e torna mais bela a nossa vida. Como é bom deixar-se surpreender pela chamada de Deus, acolher a sua Palavra, pôr os passos da vossa vida nas

pegadas de Jesus, na adoração do mistério divino e na generosa dedicação aos outros! A vossa vida tornar-se-á cada dia mais rica e feliz.

A Virgem Maria, modelo de toda a vocação, não teve medo de pronunciar o seu «*fiat*» à chamada do Senhor. Ela acompanha-nos e guia-nos. Com a generosa coragem da fé, Maria cantou a alegria de sair de Si mesma e confiar a Deus os seus planos de vida. A Ela nos dirigimos pedindo para estarmos plenamente disponíveis ao desígnio que Deus tem para cada um de nós; para crescer em nós o desejo de sair e caminhar, com solicitude, ao encontro dos outros (cf. *Lc* 1, 39). A Virgem Mãe nos proteja e interceda por todos nós.

*Vaticano, 29 de Março – Domingo de Ramos – de 2015.*

**Franciscus PP.**

---

## **MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O 51º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES**

11 DE MAIO DE 2014 - IV DOMINGO DE PÁSCOA

*Vocações, testemunho da verdade*

*Amados irmãos e irmãs!*

1. Narra o Evangelho que «Jesus percorria as cidades e as aldeias (...). Contemplando a multidão, encheu-Se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor. Disse, então, aos seus discípulos: “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe”» (*Mt* 9, 35-38). Estas palavras causam-nos surpresa, porque todos sabemos que, primeiro, é preciso lavrar, semear e cultivar, para depois, no tempo devido, se poder ceifar uma messe grande. Jesus, ao invés, afirma que «a messe é grande». Quem trabalhou para que houvesse tal resultado? A resposta é uma só: Deus. Evidentemente, o campo de que fala Jesus é a humanidade, somos nós. E a acção eficaz, que é causa de «muito fruto», deve-se à graça de



Deus, à comunhão com Ele (cf. *Jó* 15, 5). Assim a oração, que Jesus pede à Igreja, relaciona-se com o pedido de aumentar o número daqueles que estão ao serviço do seu Reino. São Paulo, que foi um destes «colaboradores de Deus», trabalhou incansavelmente pela causa do Evangelho e da Igreja. Com a consciência de quem

experimentou, pessoalmente, como a vontade salvífica de Deus é imperscrutável e como a iniciativa da graça está na origem de toda a vocação, o Apóstolo recorda aos cristãos de Corinto: «Vós sois o seu [de Deus] terreno de cultivo» (*1 Cor* 3, 9). Por isso, do íntimo do nosso coração, brota, primeiro, a admiração por uma messe grande que só Deus pode conceder; depois, a gratidão por um amor que sempre nos precede; e, por fim, a adoração pela obra realizada por Ele, que requer a nossa livre adesão para agir com Ele e por Ele.

2. Muitas vezes rezámos estas palavras do Salmista: «O Senhor é Deus; foi Ele quem nos criou e nós pertencemos-Lhe, somos o seu povo e as ovelhas do seu rebanho» (*Sal* 100/99, 3); ou então: «O Senhor escolheu para Si Jacob, e Israel, para seu domínio preferido» (*Sal* 135/134, 4). Nós somos «domínio» de Deus, não no sentido duma posse que torna escravos, mas dum vínculo forte que nos une a Deus e entre nós, segundo um pacto de aliança que permanece para sempre, «porque o seu amor é eterno!» (*Sal* 136/135, 1). Por exemplo, na narração da vocação do profeta Jeremias, Deus recorda que Ele vigia continuamente sobre a sua Palavra para que se cumpra em nós. A imagem adoptada é a do ramo da amendoeira, que é a primeira de todas as árvores a florescer, anunciando o renascimento da vida na Primavera (cf. *Jr* 1, 11-12). Tudo provém d'Ele e é dádiva sua: o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, mas – tranquiliza-nos o Apóstolo - «vós sois de Cristo e Cristo é de Deus» (*1 Cor* 3, 23). Aqui temos explicada a modalidade de pertença a Deus: através da relação única e pessoal com Jesus, que o Baptismo nos conferiu desde o início do nosso renascimento para a vida nova. Por conseguinte, é Cristo que nos interpela continuamente com a sua Palavra, pedindo para termos confiança n'Ele, amando-O «com todo o coração, com todo o entendimento, com todas as forças» (*Mc* 12, 33). Embora na pluralidade das estradas, toda a vocação exige sempre um êxodo de si mesmo para centrar a própria

existência em Cristo e no seu Evangelho. Quer na vida conjugal, quer nas formas de consagração religiosa, quer ainda na vida sacerdotal, é necessário superar os modos de pensar e de agir que não estão conformes com a vontade de Deus. É «um êxodo que nos leva por um caminho de adoração ao Senhor e de serviço a Ele nos irmãos e nas irmãs» (*Discurso à União Internacional das Superiores Gerais*, 8 de Maio de 2013). Por isso, todos somos chamados a adorar Cristo no íntimo dos nossos corações (cf. *1 Ped 3, 15*), para nos deixarmos alcançar pelo impulso da graça contido na semente da Palavra, que deve crescer em nós e transformar-se em serviço concreto ao próximo. Não devemos ter medo: Deus acompanha, com paixão e perícia, a obra saída das suas mãos, em cada estação da vida. Ele nunca nos abandona! Tem a peito a realização do seu projecto sobre nós, mas pretende consegui-lo contando com a nossa adesão e a nossa colaboração.

3. Também hoje Jesus vive e caminha nas nossas realidades da vida ordinária, para Se aproximar de todos, a começar pelos últimos, e nos curar das nossas enfermidades e doenças. Dirijo-me agora àqueles que estão dispostos justamente a pôr-se à escuta da voz de Cristo, que ressoa na Igreja, para compreenderem qual possa ser a sua vocação. Convido-vos a ouvir e seguir Jesus, a deixar-vos transformar interiormente pelas suas palavras que «são espírito e são vida» (*Jo 6, 63*). Maria, Mãe de Jesus e nossa, repete também a nós: «Fazei o que Ele vos disser!» (*Jo 2, 5*). Far-vos-á bem participar, confiadamente, num caminho comunitário que saiba despertar em vós e ao vosso redor as melhores energias. A vocação é um fruto que amadurece no terreno bem cultivado do amor uns aos outros que se faz serviço recíproco, no contexto duma vida eclesial autêntica. Nenhuma vocação nasce por si, nem vive para si. A vocação brota do coração de Deus e germina na terra boa do povo fiel, na experiência do amor fraterno. Porventura não disse Jesus que «por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jo 13, 35*)?

4. Amados irmãos e irmãs, viver esta «medida alta da vida cristã ordinária» (João Paulo II, Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 31) significa, por vezes, ir contra a corrente e implica encontrar também obstáculos, fora e dentro de nós. O próprio Jesus nos adverte: muitas vezes a boa semente da Palavra de Deus é roubada pelo Maligno, bloqueada pelas tribulações, sufocada por preocupações e seduções mundanas (cf. *Mt 13, 19-22*). Todas estas dificuldades poder-nos-iam desanimar, fazendo-nos optar por caminhos aparentemente mais cómodos. Mas a verdadeira alegria dos chamados consiste em crer e experimentar que o Senhor é fiel e, com Ele, podemos caminhar, ser discípulos e testemunhas do amor de Deus, abrir o coração a grandes ideais, a coisas grandes. «Nós, cristãos, não somos escolhidos pelo Senhor para coisas pequenas; ide sempre mais além, rumo às coisas grandes. Jogai a vida por grandes ideais!» (*Homilia na Missa para os crismandos*, 28 de Abril de 2013). A vós, Bispos, sacerdotes, religiosos, comunidades e famílias cristãs, peço que orienteis a pastoral vocacional nesta direcção, acompanhando os jovens por percursos de santidade que, sendo pessoais, «exigem uma verdadeira e própria *pedagogia da santidade*, capaz de se adaptar ao ritmo dos indivíduos; deverá integrar as riquezas da proposta lançada a todos com as formas tradicionais de ajuda pessoal e de grupo e as formas mais recentes oferecidas pelas associações e movimentos reconhecidos pela Igreja» (João Paulo II, Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 31).

Disponhamos, pois, o nosso coração para que seja «boa terra» a fim de ouvir, acolher e viver a Palavra e, assim, dar fruto. Quanto mais soubermos unir-nos a Jesus pela oração, a Sagrada Escritura, a Eucaristia, os Sacramentos celebrados e vividos na Igreja, pela fraternidade vivida, tanto mais há-de crescer em nós a alegria de colaborar com Deus no serviço do Reino de misericórdia e verdade, de justiça e paz. E a colheita será grande, proporcional à graça que tivermos sabido, com docilidade, acolher em nós. Com estes votos e pedindo-vos que rezeis por mim, de coração concedo a todos a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 15 de Janeiro de 2014

**FRANCISCO**

-----